

## O Fluxo

*J. Roberto Whitaker Penteadó*

Quando foi publicado no Brasil, em 1999, a obra do psicólogo norte-americano de origem húngara (e de sobrenome impronunciável) Mihaly Csikszentmihalyi, *A Descoberta do Fluxo*, teve consideravelmente menos destaque e repercussão do que o original norte-americano, lançado quase uma década antes, em 1990, como *Flow - the Psychology of Optimal Experience*. Exemplos da primeira edição de *A Descoberta do Fluxo* ainda podem ser encontrados em muitas livrarias do Brasil, enquanto *Flow* tornou-se rapidamente um best-seller nacional, trazendo fama - e alguma fortuna - ao seu autor.

O fato deve-se, sem dúvida, a uma certa inabilidade comercial dos editores brasileiros, ao posicionar a obra quase como um texto técnico, inclusive traduzindo o título canhestamente; afinal, quem poderá estar interessado em descobrir o "fluxo"? Fluxo de que - onde? Neste sentido, perdeu-se o produto numa tautologia...

Mas esta resenha não pretende castigar os editores nacionais. Até porque, esta obra - intrinsecamente importante - não se enquadra na imagem de "mais um livro de auto-ajuda, só que melhor do que os outros", com que foi aquinhoada pela propaganda, nos EUA.

Há muita informação pertinente neste *Flow/Fluxo*, que pode merecer a leitura e a reflexão - mesmo com certa defasagem temporal. A sinopse (encontrada no site da Livraria Cultura de S. Paulo e da própria editora) revela que o autor se surpreendeu, ao observar que, mesmo sob o horror da Segunda Guerra Mundial, algumas pessoas utilizavam sua coragem para ajudar o próximo e eram capazes de dar direção e sentido às suas vidas. Após anos de estudo, Csikszentmihalyi desenvolveu o conceito de que um sentimento chamado "fluxo" é registrado quando há total envolvimento e satisfação com o que está sendo feito; e que discernir o que nos proporciona o fluxo abre também o caminho para alcançar a sabedoria de viver plenamente, partindo da seguinte reflexão: se não assumirmos a direção de nossa vida, ela será controlada pelo mundo exterior para servir a propósitos alheios. Não podemos esperar que alguém nos ajude a viver; precisamos descobrir como fazer isso por conta própria.

Como todas as generalizações, esta idéia de fluxo necessita de que sejam colocadas algumas premissas para a sua melhor compreensão - e eventual ação, que - como ocorre com outras obras de divulgação de teor psicológico - vai implicar na mobilização de elementos volitivos para chegar a modificações comportamentais. Assim, a primeira linha do texto refere-se a Aristóteles e à idéia de que, nos últimos 23 séculos, homens e mulheres são movidos pela busca da felicidade. Mas o autor tem o cuidado de observar, em seguida, que "o nosso entendimento do que seja a felicidade não ficou nem um pouco mais claro, desde o tempo de Aristóteles". E acrescenta - poucos parágrafos depois - esta significativa trouvaille de John Stuart Mill: "Pergunte-se se é feliz - e você deixa de sê-lo".

O universo pesquisado foi predominantemente americano; para isso M.C. criou um sistema de medição da satisfação avaliando as sensações de bem estar das pessoas em vários momentos do dia escolhidos aleatoriamente. A descoberta inesperada foi a de que as pessoas tendem a estar 3 vezes mais satisfeitas e se sentir melhor nos seus ambientes de trabalho do que em seus momentos de lazer. Havia melhores condições de fluxo no trabalho, atribuindo-se a satisfação ao encontro de desafios em graus compatíveis com as habilidades.

Tanto a palavra quanto a idéia de fluxo remetem a um outro conceito, usado com certa frequência, de forma metafórica, em relação a assuntos de trabalho e de desempenho pessoal, que é o de foco. Ou, de forma mais coloquial, "estar ligado" no que se faz, no que se diz, no que se é ou no que se está. No extremo oposto, encontram-se os conceitos moderno - e pós-moderno - de alienação e fractalidade. Além de ser um fenômeno urbano, como sugere C.M., a alienação surge de uma constatação econômica de Marx e invade o terreno da psicologia, para transformar-se em uma das patologias do cotidiano; enquanto a fractalidade foi o conceito da geometria apropriado por Baudrillard para designar contradições e dicotomias de uma sociedade tendendo à esquizofrenia.

Do lado virtuoso - em que se fundem as noções de foco, fluxo ou energias positivas - a proposta do autor de A Descoberta do Fluxo insere-se na tradição valorativa da liberdade de escolha individual. Esta - em que pese estar, ainda, na sua primeira infância histórica, uma vez que o homem se concedeu o direito a ela apenas nos últimos 2 séculos - evoca muito do comprometimento humanístico de Nietzsche e até as visões idealistas contidas no livro - relativamente esquecido - de Antoine de St. Exupéry, Terra dos Homens (precursor dos textos de auto-ajuda), que termina com o lamento: "um pouco de Mozart é assassinado em cada um de nós".

[1] Sobre este tema, ver Padua, Elza - Esquizofrenia Social, ensaio sobre a ética da sobrevivência. Porto Alegre: Zouk, 2006.

Mihaly Csikszentmihalyi, FLOW - The Psychology of Optimal Experience. New York: Harper Perennial, 1991.

A Descoberta do Fluxo. Trad. Pedro Ribeiro. Rio de Janeiro: Rocco Editora, 1999.

**Disponível em:** <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=105&ID=414>>. **Acesso em: 30 jul. 2009.**

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais